

**O QUE SE VÊ E O QUE SE APRENDE:  
Educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**

**Jesus Marmanillo Pereira**

Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Imperatriz.  
jesusmarmanillo@hotmail.com

**Allison Bezerra Oliveira**

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – CESI/UEMA/Campus de Imperatriz.  
allisonbZR@gmail.com

**RESUMO**

A proposta deste artigo é colocar a praça como espaço de construção do conhecimento ambiental, por meio da educação não formal. A pesquisa tem como objetivo compreender como ocorre a relação entre os processos de percepção ambiental e as práticas socioespaciais na formação de lugares urbanos. Para tanto, este estudo buscou analisar o cotidiano de um conjunto de atores (crianças, idosos, transeuntes e jovens) na Praça Mary de Pinho, na cidade de Imperatriz-MA. O levantamento, de cunho etnográfico, inclui observação, diário de campo, conversações, produção de fotografias e descrição das interações entre os agentes do espaço. As visitas exploratórias ocorreram entre os meses de março e junho de 2016 e mostram que é possível aproximar os papéis das percepções ambientais e os processos educativos desenvolvidos nos espaços públicos de lazer.

**Palavras-chave:** Praça Mary de Pinho; Imperatriz; Educação Ambiental.

**WHAT YOU SEE AND WHAT YOU LEARN:**

**Education and construction of identities from the Mary de Pinho Square**

**ABSTRACT**

The purpose of this article is to place the square as a central space in the construction of environmental knowledge through non-formal education. The research aims to understand how is the relationship between the processes of environmental awareness and socio-spatial practices in the construction of urban places. Therefore, this study investigates the daily life of a set of actors (children, the elderly, pedestrians and young people) in the Plaza de Pinho Mary in the town of Imperatriz-MA. The survey, ethnographic, includes observation, field diary, conversations, photos and description of the interactions between the space agent. Exploratory visits took place between March and June 2016 and show that it is possible to approach the roles of environmental perceptions and educational processes developed in public spaces for leisure.

**Keywords:** Square Mary de Pinho; Imperatriz; Environmental Education.

## LO QUE VE Y LO QUE SE APRENDE:

### La educación y la construcción de las identidades de la plaza Mary de Pinho

#### RESUMEN

El propósito de este artículo es colocar la plaza como un espacio central en la construcción del conocimiento ambiental a través de la educación no formal. La investigación tiene como objetivo comprender cómo es la relación entre los procesos de la conciencia ambiental y prácticas socio-espaciales en la construcción de lugares urbanos. Por lo tanto, este estudio investiga la vida cotidiana de un conjunto de actores (niños, ancianos, peatones y jóvenes) en la Plaza de Mary de Pinho en Imperatriz-MA. La encuesta, etnográfico, incluye la observación, diario de campo, conversaciones, fotos y descripción de las interacciones entre el agente de espacio. Visitas exploratorias se llevaron a cabo entre marzo y junio de 2016 y muestran que es posible acercarse a los roles de las percepciones ambientales y los procesos educativos que se desarrollan en espacios públicos para el ocio.

**Palabras clave:** Plaza Mary de Pinho; Imperatriz; Educación Ambiental.

## INTRODUÇÃO

Este artigo possui um caráter problematizador e tem como objetivo refletir sobre como ocorre a relação entre os processos de percepção ambiental e determinadas práticas socioespaciais na construção de lugares urbanos. Para tanto, a pesquisa buscou analisar o cotidiano de um conjunto de atores (crianças, idosos, transeuntes e jovens) na Praça Mary de Pinho, na cidade de Imperatriz-MA. A proposta é descrever e entender como esses agentes constroem sentidos e de que modo interagem e apropriam-se do espaço.

Para dar conta dos objetivos propostos, partiu-se da perspectiva defendida por autores como Castells (1980), Tuan (1980), Léfèbvre (1991), Santos (2004), e Claval (2007). Que destacam que, o espaço urbano pode ser compreendido a partir de determinadas dinâmicas sociais, históricas, simbólicas, culturais e econômicas, concretizadas nas experiências do homem com a terra e com o meio ambiente. Pode ser entendido na forma como essa relação sinaliza um modelo voltado para a satisfação de determinadas necessidades, para a construção de identidades e para a classificação do ambiente. Nessa perspectiva considera-se que a educação informal é uma experiência que pode ser observada nas práticas socioespaciais que ocorrem no ambiente urbano e são responsáveis por produzi-lo. Sobre este último aspecto, autores como George (1969), Carlos (2001) e Santos (2006) notam que as estratificações dos espaços ocorrem de acordo com as formas de organização, de percepção e de existência dos grupos. Portanto, a produção da vida é resultado dos modos de apropriação do espaço e a existência social e real só é possível por conta das relações sociais nele estabelecidas. Nesse sentido, Santos (2006, p.39) defende uma proposta de geografia que considera o estudo “indissociável de sistemas de objetos e

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

sistemas de ação que formam o espaço. Não se trata de sistemas de objetos, nem de sistemas de ações tomados separadamente”.

Dessa forma, a Praça Mary de Pinho é vista aqui como o lugar<sup>1</sup> onde é possível compreender os papéis das percepções ambientais e os processos educativos desenvolvidos nos espaços públicos de lazer, já que se trata de um local de concentração e socialização de crianças, jovens e idosos. Ali, esses agentes vivem experiências e constroem percepções da cidade e de si mesmos. Trata-se, assim, de refletir sobre o papel da educação informal realizada nos espaços públicos, problematizados sob a luz de variáveis ligadas à cultura, às experiências narradas pelos agentes, ao meio ambiente, à paisagem e às práticas socioespaciais. Na perspectiva de Carlos (2001), pode-se dizer que o presente artigo analisará uma porção do espaço, apropriado para a vida, que é revelado no plano da microescala do bairro, da praça ou rua.

Para operacionalizar empiricamente tais referenciais e problemas, a pesquisa de campo valeu-se do método etnográfico, bastante presente na perspectiva cultural da Geografia (CLAVAL, 2007) e defendida nos estudos de Carneiro (2013), Itaborahy (2013), Gabriel (2013) e Pedroso (2007). Autores que pensaram o método para as análises geográficas territoriais de comunidades tradicionais e grupos sociais na Praça da Alfândega, no Rio Grande do Sul. Sobre esse método, Eckert e Rocha (2001) dizem que se trata de utilizar um conjunto de técnicas de coletas, como observação, diários de campo, conversações, fotografias, interações, entre outros, para descrever as práticas e os saberes dos sujeitos e dos grupos sociais e delinear as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano. Seguindo essa orientação, foram realizadas visitas exploratórias de caráter etnográfico em diferentes horários entre os meses de março e junho de 2016. Além da observação e descrição densa, o estudo incluiu entrevistas e registros fotográficos.

Seguindo tais referenciais e métodos, o artigo ficou organizado em dois grandes tópicos nos quais a Praça Mary de Pinho foi abordada por meio de “sistemas de objeto e de ação”. Primeiramente descreve-se a localização geográfica, as características físicas e algumas normas que colocam o espaço como local de aprendizado e reprodução de determinadas percepções. No segundo tópico foi priorizada a análise dos atores sociais,

---

<sup>1</sup> Para nós, as noções de espaço e tempo apontam diferentes escalas e abordagens em relação à Praça Mary de Pinho. Quando pensada enquanto espaço, enfatizamos aspectos externos e estruturais como: a relação com outros espaços, como é pensada na história coletiva, ou seja, destaca-se a homogeneidade do recorte em relação a outras variáveis. Já o lugar é utilizado para analisar as dinâmicas internas de produção do “espaço”, ou seja, aspectos da cultura, pertencimento, percepções e experiências dos atores sociais. Dessa forma, o presente estudo considera que tais abordagens sejam complementares por possuírem um forte grau de interdependência. Para mais detalhes sobre tais definições é possível consultar Carlos (2007) e Escobar (2005).

O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

buscando compreender suas lógicas de organização espacial, suas percepções a respeito daquele espaço público e como isso constitui um aspecto educacional no que diz respeito à formação cidadã.

### CENÁRIO: o tempo e o espaço da Praça

Buscando mais informações sobre as Praças de Imperatriz, observou-se que Grazielli (2016), ao realizar entrevistas na Secretaria Municipal de Infraestrutura, obteve o dado de que atualmente existem 23 praças nos 150 bairros da cidade de Imperatriz. Dentre essas, a Praça Mary Pinho é a única mantida com serviço de vigilância, pois, segundo o prefeito, “a praça é o cartão postal da cidade” e, por ser uma das mais procuradas, precisaria ser conservada.

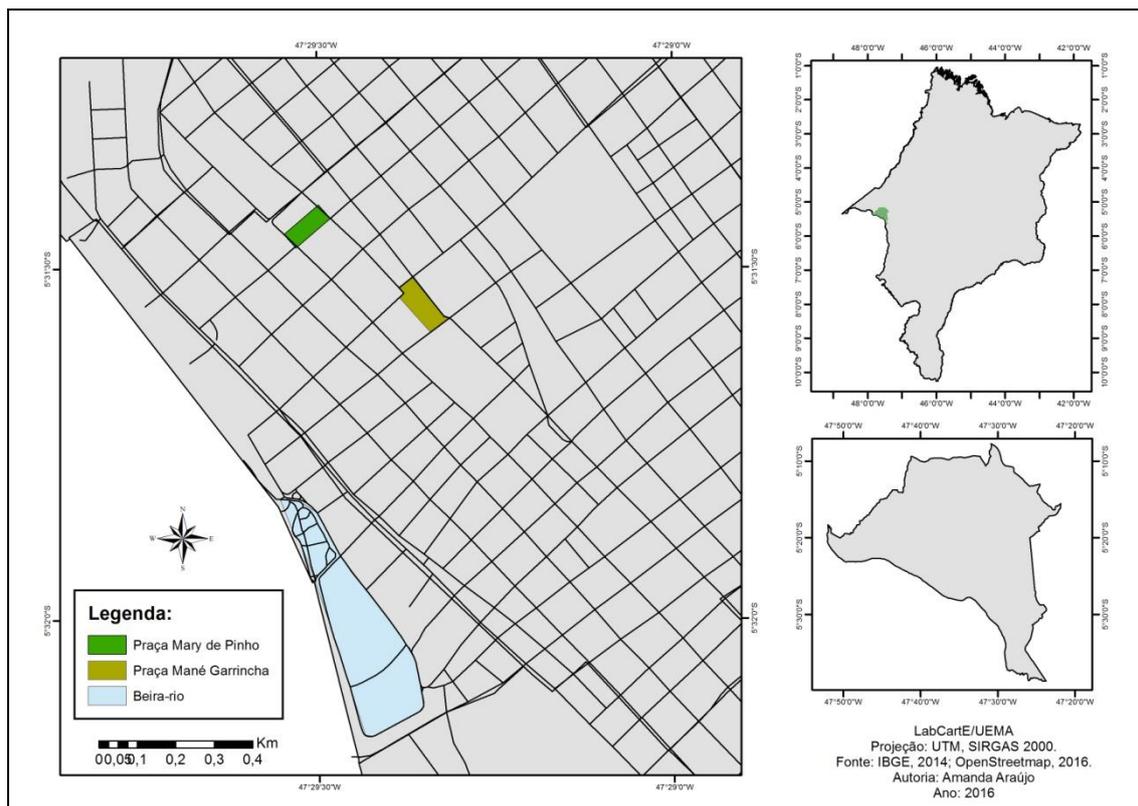


Figura 1 – Planta de localização da Praça Mary de Pinho  
 Fonte: IBGE (2014), elaborado pelos autores.

Para as pessoas que acessam o centro comercial de Imperatriz, por meio do trajeto Avenida Bernardo Sayão, a Praça Mary de Pinho é uma paisagem obrigatória. Localizada na esquina da Rua Simplicio Moreira com a Avenida Santa Teresa, essa praça compreende a área destacada em verde, na planta de localização. Paisagem essa quase sempre deserta

O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

durante o dia e mais movimentada a partir dos finais das tardes, quando o calor e o sol apresentam-se com menor intensidade<sup>2</sup>. A ausência de árvores de grande porte faz com que, dependendo do horário, ocorra maior ou menor movimento, já que a exposição ao sol gera o aumento da temperatura e a absorção de calor por parte dos equipamentos de metal (brinquedos, balanços, barras) e concretos (calçamento) disponíveis no local. Insistir na permanência no local nesses horários pode acarretar desconforto térmico, ameaça à saúde e possibilidade de acidentes nos equipamentos aquecidos. Inaugurada em 10 de julho de 2015, a Praça Mary de Pinho foi entregue à população no ano de comemoração dos 163 anos da cidade de Imperatriz e simboliza uma homenagem feita a Mary Araújo. Sobre a trajetória de vida dessa personalidade local, obteve-se a informação de que ela nasceu em 9 de março de 1950, em São Domingos-MA, era professora do antigo Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) e, durante a década de 1980, foi diretora do Sindicato das Empresas de Asseio e Conservação do Estado do Maranhão (SEAC) - órgão federal que era responsável pela distribuição de leite às famílias carentes - e secretária de Desporto e Lazer durante o governo municipal de José Ribamar Fiquene (1983-1988). Na década de 1990 elegeu-se vereadora e foi secretária de Gestão Municipal durante o mandato do prefeito Ildon Marques (1997-2001). Segundo o site do jornal *O Progresso*, ela também foi secretária municipal de Desporto e Lazer, e de Educação<sup>3</sup>.



Figura 2 – Placa da inauguração depredada  
 Fonte: PEREIRA, 2016.

<sup>2</sup> É possível observar tal dinâmica não apenas dessa Praça em Imperatriz, mas também em outros espaços públicos de lazer e praças do Maranhão e das regiões Norte e Nordeste como, por exemplo, a Praça do Bairro do COHATRAC, em São Luís (MA), Parque Dona Lindu, em Recife (PE), e a Praça das Águas, em Boa Vista (RR).

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/uahlFa>>. Acesso em: 12 jul. 2015.  
 <<https://goo.gl/jt4s8f>>. Acesso em: 12 jul. 2015.  
 <<https://goo.gl/E6WdDV>>. Acesso em: 12 jul. 2015.  
 <<https://goo.gl/w7hEC7>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

Considera-se que a Praça Mary de Pinho é um espaço de aprendizado informal completo, seja pela sua própria estruturação – paisagismo, placas de orientação de uso, apetrechos que complementam o espaço – sejam pelas oportunidades de vivenciar relações sociais – vínculos de coleguismo e amizade, relações comerciais, amorosas etc.

No âmbito estrutural, a descrição aponta para diversos aprendizados. Por exemplo, no que tange ao paisagismo, o espaço é totalmente arborizado: são oito canteiros gramados, que possibilitam a permeabilização do solo, e outro central que é ligado durante a noite. A escolha da vegetação é uma particularidade, já que inclui desde plantas floridas e folhagens, além 20 palmeiras em crescimento. Das flores, há desde as rasteiras amarelas, que permanecem floridas mesmo no calor, ou seja, foram pensadas para o ambiente do Cerrado, até as “primaveras”, trepadeiras oriundas do sul do país também bastante resistentes às mudanças climáticas. Ao redor do chafariz há uma planta espinhosa conhecida popularmente como “coroa de Cristo”. Embora não muito grande, essa planta é uma espécie de escudo dos locais em que é plantada, o que mostra que em breve a possível tomada do monumento como diversão pode ser reprimida, efetivando sua função primeira de contemplação.

Existem 27 banquinhos de madeira por toda a extensão da praça que também representam uma peculiaridade do local, já que são raros na Beira Rio<sup>4</sup> e inexistentes nas Praças de Fátima, Brasil e outras que despontam locais de grande importância econômica, cultural e turística para a cidade. Considerando que os bancos podem ser interpretados como aspecto propiciador de concentração de pessoas, já que favorecem a acomodação e o conforto das pessoas que passam o tempo no local, a Praça Mary de Pinhos e diferencia por conter estruturas que estimulam a concentração de pessoas, como demonstra a figura 3.

---

<sup>4</sup>A Beira Rio a qual nos referimos constitui-se de um trecho localizado no bairro da Beira rio, ao lado do rio Tocantins. Trata-se de um local público de lazer que, segundo Araújo (2013), também é classificada pela lei municipal de zoneamento como área de interesse turístico. Tal lugar foi destacado em azul, na planta de localização da Figura 1.

O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*



Figura 3 – Limpeza, concentrações e paisagismo  
Fonte: PEREIRA, 2016.

Além dos bancos, outro adorno que demonstra o cuidado com o ambiente são os cestos de lixo. Ao todo são oito, bem distribuídos, nos quatro cantos da praça e equipados com sacos de lixos amarrados e trocados diariamente. Nesse sentido, diferencia-se da Beira Rio, já que neste segundo espaço “não existe no local latas de lixo em quantidade adequada, junta-se a isso o fato de que as poucas que existem encontram-se em péssimo estado de conservação” (ARAÚJO, 2007, p. 8-9).

O estacionamento da praça também já indica que é preciso ter atenção a sua postura no local. Na praça há dois estacionamentos rebaixados, pintados com onze vagas cada um para carros ou motos. Além dessas, duas vagas são devidamente sinalizadas para idosos ou deficientes. Na parte do estacionamento padrão há, também, um espaço rebaixado e sinalizado para a passagem de cadeirantes. Fora isso, a praça é repleta de placas de sinalização que orientam a permanência e o uso do espaço. Por exemplo, há uma placa na área denominada parque infantil. Ali há a indicação da idade das crianças para o uso dos brinquedos (de dois a oito anos), além das proibições (uso de skate, patins, patinetes, bicicletas e animais), como demonstra a Figura4. Ao todo, o espaço conta com oito balanços, duas gangorras, um escorregador e um obstáculo de altura.

O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*



Figura 4 – Parque Infantil e academia (ao fundo)  
 Fonte: PEREIRA, 2016.

Orientação similar para a utilização dos equipamentos de ginástica encontra-se no outro lado da mesma placa (Figura4) que separa as áreas do parque infantil e de atividades físicas (academia ao ar livre). Há ali uma explicação para cada um dos aparelhos (modo de uso e indicação) e uma mensagem estimulando a prevenção de acidentes e afirmando que os 14 equipamentos são de uso exclusivo dos adultos. O efeito desta localização vizinha (das duas áreas) pode ser observado durante a noite, quando homens e mulheres realizam exercícios ao mesmo tempo em que ficam observando os filhos no parque infantil. A presença desses aparatos sinaliza a efetivação da lei complementar nº02/2004<sup>5</sup>, especificamente no artigo XIV, que afirma que as praças devem conter equipamentos sociais e espaços livres “como meio de acelerar e reforçar a constituição de pólos de atração em bairros”.

Vale ressaltar que a praça é toda iluminada. Além da iluminação das ruas, que está em perfeitas condições, conta também com sete postes internos com quatro pontos de luz branca cada um, garantindo boa visibilidade e uma sensação de segurança. Na área circunvizinha há dois estabelecimentos públicos (de saúde e educação): a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e a Escola Estadual Graça Aranha. O redor também é cercado por residências na Rua X e Y, uma lanchonete e um comércio informal na Rua Simplicio Moreira. Além de constituir um local de concentração e socialização de informações, a praça possui um conjunto de símbolos e normas que regem a organização e as formas de

<sup>5</sup>Dispõe sobre a instituição do Plano Diretor do Município de Imperatriz, Estado do Maranhão e estabelece outras providências. Esse mesmo Disponível em: <<http://www.imperatriz.ma.gov.br/arquivos/sepluma/Lei%20002-2004%20-%20Plano%20Diretor.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

ocupação e uso do espaço. Traz, assim, um aprendizado que abrange não só a relação das pessoas entre si, mas também dessas com o espaço e com a cidade.

Partindo dessas observações preliminares foi possível inferir pelo menos dois tipos de aspectos da educação informal: primeiramente, a Praça Mary de Pinho pode estimular, ao longo dos anos, uma percepção histórica, graças ao monumento e próprio nome, colocado pela Câmara de Vereadores de Imperatriz. A outra maneira de educação informal foi observada por meio de uma percepção “imediate” a partir das informações coletadas por nossos sentidos no momento atual de vivência e experiências na referida praça, que é a proposta deste artigo. Têm-se, assim, símbolos e costumes que apontam características e classificações do local, em diferentes temporalidades.

Na primeira possibilidade, a perspectiva histórica tomaria a praça enquanto um monumento (LE GOFF, 1990), ou seja, constituído de um esforço em impor ao futuro determinada figura que se perpetuaria na memória coletiva. Em estudo semelhante, Pereira (2015) observa que no caso da Praça de Fátima, também em Imperatriz, o próprio nome da área, os eventos que marcaram aquele espaço e os monumentos podem ser pensados como um elo fundamental que vincula as memórias individuais às coletivas. Dessa forma, podemos entender que praças são espaços onde se desenrolam, cotidianamente, processos de socialização e educação. E mais, por meio de símbolos e significados, esse espaço aponta o caminho do constructo social “ser imperatrizense”. Com menor tempo de construção, a Praça Mary de Pinho já foi inaugurada seguindo uma lógica de consagração de determinadas personalidades da política local, ou seja, já surge como um ambiente de aprendizado sobre as relações de poder presentes na história local.

No caso deste artigo, a educação informal foi notada de acordo com as vivências e experiências ocorridas cotidianamente na referida praça. Essas podem ser interpretadas sob o viés dos aspectos culturais relacionados à construção de territórios e sociabilidades vinculados à produção social do espaço. Nesse sentido, Carlos (2001) explica que tal produção ocorre justamente pelo fato de as relações sociais adquirirem existência quando inseridas no espaço. Com mais detalhes, ela discorre que tal abordagem:

[...] se baseia no fato de que as relações sociais têm sua realização ligada à necessidade de um espaço onde ganha concretude a casa como universo do homem privado; a rua como acessibilidade possível aos espaços públicos, lugar dos encontros, dos percursos, bem como de uma miríade de trocas (onde o comércio local ganha significado especial); os lugares de trabalho; os pontos de lazer, etc., lugares onde se realiza a vida humana em determinado tempo. É nesse nível que espaço e tempo se articulam de modo indissociável como prática socioespacial. Essa é a implicação mais profunda da análise da produção em seu sentido lato (a realização da vida como produção/apropriação dos lugares) (CARLOS, 2001, p. 35).

Em linha próxima, Tuan (1980) defende que a compreensão da preferência ambiental de uma pessoa está relacionada a aspectos como a herança biológica, a criação, a educação e o trabalho. Em relação aos grupos, seriam valorizadas variáveis vinculadas à história cultural e às experiências dos mesmos, implicando sempre em uma relação entre cultura e meio ambiente (não como pólos antagônicos). Assim, o autor discorre sobre diferentes formas de percepção que podem ser compreendidas a partir dos locais sociais de onde são construídas as percepções dos visitantes, dos nativos, dos exploradores, dos indígenas etc. Em pensamento semelhante, Claval (2007) destaca que a cultura fornece aos homens os meios de orientação, os recorte do espaço e a exploração do meio. Para ele, o ambiente torna-se um componente da cultura nos meios humanizados.

A partir de tais referenciais, é possível destacar que tais percepções não estão apartadas de diferentes formas de projetos (ou ausência desses) para o uso do espaço urbano, representando assim interesses (ou desinteresses) que poderiam ser mapeados em diferentes escalas e que sinalizam questões desde as mais individuais até as mais coletivas. Tal mapeamento de percepções foi pensado aqui em relação ao mapeamento dos grupos que utilizam o lugar, portanto, o presente estudo será focado nas percepções e nas práticas socioespaciais dos usuários finais da Praça Mary de Pinho, priorizando as dinâmicas sociais e sentidos construídos a partir da vivência e das experiências cotidianas nesta praça.

### **ATORES: uma praça de crianças e idosos**

Toda a estrutura descrita anteriormente faz com que a Praça Mary de Pinho se caracterize como um lugar de concentração. Sobre esse fato, vale ressaltar que para a perspectiva da ecologia humana de McKenzie (1948), a característica “concentração” serve como base para pensar aspectos relacionados a interesses comuns e necessidades de determinados grupos. Assim, explica que o fato de se reunirem para satisfazer necessidades como diversão, alimentação e outras, possibilita a construção de bases territoriais importantes nas definições dos grupos de lazer.

As primeiras inserções em campo ocorreram no dia 14 de março às 17h47, com a utilização de uma máquina fotográfica e um pequeno bloco de anotações. Uma primeira etapa desse contexto foi realizar a representação gráfica da praça de acordo com os tipos de atores presentes naquele lugar. Trata-se de uma metodologia empregada por Low (2003), que ao estudar duas praças da Cidade de San José (Costa Rica) realizou um zoneamento

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

dos locais como forma de sistematizar a observação dos principais atores que compõem as paisagens urbanas. Em seus estudos mapeou engraxates, senhores, crianças, transeuntes, entre outros.

Na Praça Mary de Pinho, embora o tamanho seja menor, causando dificuldades de delimitação das concentrações específicas (crianças, adultos, idosos) e na observação da formação de grupos homogêneos com mais nitidez, é possível inferir algumas conclusões iniciais que foram registradas no croqui (ilustração1). Os espaços listrados em vermelho (bloco 3), cinza (bloco 2) e amarelo (bloco 1) são ocupados, respectivamente, por grupos de comerciantes de alimentos, casais de namorados ou grupos de amigos, idosos e crianças. Além desses, é possível enxergar, também, pessoas que realizam caminhadas no sentido das setas.

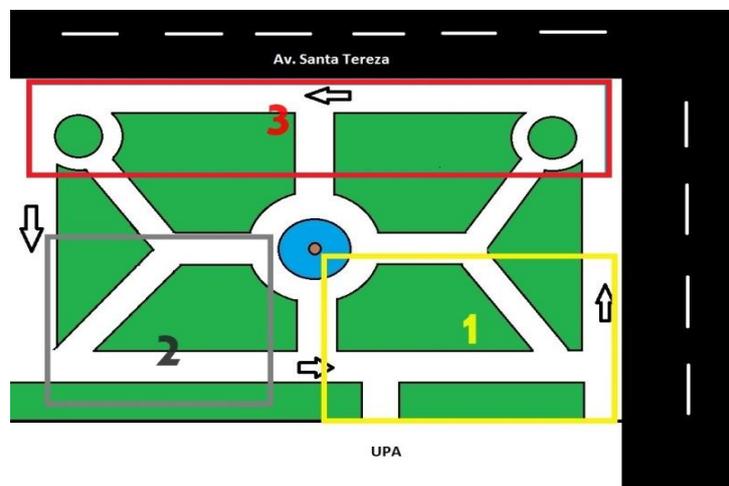


Figura 5 – Croqui de localização dos grupos  
 Fonte: PEREIRA, 2016.

A distribuição espacial dos equipamentos e apetrechos, mais a localização dos grupos, sinalizam os sentidos da organização interna daquele espaço público. Assim, é importante dizer que a área de maior concentração de comerciantes informais fica no lado da Rua Santa Teresa, que é uma das principais vias de ligação do centro comercial aos bairros localizados próximos à BR 010. Vale dizer que, geralmente no período de final de tarde, quando muitos comércio terminam o expediente, há um aumento forte do tráfego de veículos por essa rua, que passa pela lateral da Praça Mary de Pinho.

Já a de maior concentração de adultos, crianças e idosos foi justamente onde se localizam os brinquedos e os equipamentos de ginástica, enquanto que os outros grupos, formados por jovens e adultos, utilizam os bancos para conversar, ler, observar os filhos, namorar ou esperar alguém, a depender do horário. Durante as manhãs é fácil observar as pessoas chegarem pelos cantos da praça ou parando os carros no estacionamento

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

localizado no lado da Rua Simplício Moreira. Pessoas que chegam e logo se colocam a caminhar pelo trajeto retangular que contorna o referido lugar ou que vão direto para os equipamentos de ginástica. Foi nesse contexto que se teve contato com uma senhora que se identificou como Sônia e estava acompanhada pelo marido nas atividades físicas nos equipamentos. Morando em Imperatriz há 42 anos, é professora de Química e costuma frequentar a praça duas vezes por semana. Diz que antes da inauguração da Praça Mary de Pinho a opção para a realização de atividades físicas era a Beira Rio, local onde tentava levar os filhos, mas que prefere a nova praça por conta da tranquilidade. Dentre outros usuários, a senhora Maria Elenice, que é comerciante e vive há 20 anos em Imperatriz-MA foi abordada. Um pouco mais nervosa e desconfiada, ela disse que pratica exercícios periodicamente, realizando caminhada e exercícios até as 8 horas. Afirmou, ainda, que a calmaria e a segurança do local a fizeram deixar de caminhar na área da Beira Rio e a adotar a Praça Mary de Pinho como local para cuidar da saúde.



Figura 6 – Funcionário da Prefeitura cuidando do jardim  
Fonte: PEREIRA, 2016.

Na Figura 6 é possível visualizar um pouco do cotidiano matutino da Praça Mary de Pinho. No primeiro plano, um funcionário da Prefeitura trabalha na jardinagem do local, enquanto Maria Elenice (camisa branca e calça preta), Sonia e o marido caminham pelo trajeto da praça. Por meio de observações diretas, notou-se que no âmbito das áreas vermelhas (ilustração1) e do trajeto das caminhadas há uma preponderância de adultos, cujos aspectos físicos aparentam uma idade média que varia entre 30 e 50 anos. Na mesma área rosa, ocorre uma maior concentração de crianças devido à presença de brinquedos públicos como balanços, gangorra, escorregadores e uma estrutura de madeira semelhante a uma casinha que constituem o “parque da criança”. Na pesquisa de campo foi possível observar, também, crianças com diferentes características: havia crianças com mochilas e

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

fardas de colégio, com bicicletas de marcas famosas como Caloi, com bicicletas mais simples, de diferentes idades. E, apesar das diferenças de vestuário e/ou acessórios, muitas vezes dialogavam e brincavam juntas, e compartilhavam a utilização dos brinquedos, aparentando a constituição de um grupo de amigos. Em outros momentos foram observadas crianças que brincavam mais solitárias ou com a ajuda dos pais (as mais novas, aparentemente com menos de dois anos). A própria diferença de idade já constituía uma delimitação territorial específica, pois as crianças com idade aparentando entre 10 e 12 anos costumam se concentrar em determinado espaço, enquanto as mais novas dependem diretamente do acompanhamento e observação dos pais, que geralmente ou ficam do lado da criança (quando é bebê) ou as observam dos bancos da praça, com certo distanciamento, como é possível notar nas imagens 5 e 6. Considerando essas observações e a importância dessas experiências infantis nas vidas das crianças, é necessário destacar os estudos de Tuan (1980), quando nota que percepções ambientais estão diretamente relacionadas com as primeiras percepções e memórias construídas na infância, em relação às interações socioespaciais e a construção de uma percepção de espaço relacionado à forma de sentir e perceber das crianças.



Figura 7 – Crianças no Parque infantil  
Fonte: PEREIRA, 2016.



Figura 8 – Pais e filha  
Fonte: PEREIRA, 2016.

Nesse contexto, dialogou-se com um jovem que se identificou como Lenivaldo (Figura 8), que é soldador e possui 29 anos. Ele explica que, apesar de não ter o hábito de frequentar praças, entende a importância desses espaços para que as crianças tenham contato com outras pessoas e que possam se divertir com os brinquedos. Por conta disso, ele e a esposa costumam levar a filha de dois anos para passear e brincar na Praça Mary de Pinho. Assim como as outras pessoas que foram contatadas, ele também era usuário do

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

espaço público da Beira Rio, mas deixou de frequentar por conta da violência e da falta de estrutura daquele local. Com o mesmo argumento, uma mulher que se identificou como Adriana, imperatrizense de 31 anos, deslocava-se do bairro Santa Rita<sup>6</sup> até a Praça Mary de Pinho para levar a filha de dois meses para usufruir do espaço e das amigadas da praça.

A percepção desses sujeitos é formada em torno do conforto da estrutura conservada, limpa, iluminada da praça, e que transmite uma sensação de segurança em confronto à experiência anterior, na Beira Rio, apontado como um lugar inseguro, sem estrutura e sem limpeza. Sobre isso, Araújo (2007) nota que, além dos problemas da péssima conservação do local e da falta de uma coleta de lixo, há outras topofilias:

Outra queixa bastante recorrente refere-se à falta de segurança. De fato, pôde-se observar que não há efetivo policial constante na Beira Rio, o policiamento é feito por viatura que percorre a área de maneira intermitente. A sensação de insegurança decorre do fato de que, por ser um espaço público, não se pode ter certeza da idoneidade de todos que ali frequentam (ARAÚJO, 2013, p. 9).

Nesse raciocínio, a citação explícita o sentimento de medo e a sensação de insegurança em relação ao espaço público da Beira Rio. Se na Praça Mary de Pinho a ausência de policiamento, e a grande presença de crianças e idosos, sinalizam a segurança do local, na Beira Rio a constatação do mesmo fato representa uma interpretação oposta, como é possível verificar na citação anterior. Além dos diálogos realizados anteriormente, um caso curioso chamou a atenção em relação à questão da segurança. Foi quando se realizou contato com Débora Guimarães, paulistana que vive em Imperatriz há dois anos. Entre as 18 e 19 horas ela senta nos bancos da praça e inicia sua prática de leitura. Concentrando toda a atenção sobre um livro, demonstra o quanto aquele lugar é tranquilo e apto também para esse tipo de utilização. Débora diz que costuma ler antes de ir para o curso e que pela noite retorna para realizar exercícios físicos no local. Já para a professora que se identificou como Valdirene, de 45 anos, a Praça Mary de Pinho serve como local de espera e ponto de encontro quando vem do povoado de Coquelândia<sup>7</sup> para resolver “as coisas da cidade”. Comparando o local com as Praças da Cultura e da Bíblia, também localizadas no centro de Imperatriz, ela afirma que a Mary de Pinho é a mais conservada e que fica por lá quando sobra um tempinho.

Tanto pelos relatos, quanto pelas observações de reportagens na imprensa escrita, nota que a Praça Mary de Pinho tornou-se uma referência em termos de organização e

---

<sup>6</sup> Cerca de 4 Km de distancia.

<sup>7</sup> Localizado na área rural próxima a estrada do Arroz, a 35 quilômetros do centro comercial de Imperatriz.

O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

conservação. Nesse sentido, a reportagem “População deseja que a Praça da Cultura seja espelho da Praça Mary de Pinho”:

“Que fique bem parecida com a Praça Mary de Pinho, no que diz respeito à harmonia que aquele novo espaço público está promovendo para nossas famílias”, comentou a comerciante Maria Isabel. Moradora do bairro Santa Inês, virou rotina para ela, o marido e filhos uma passagem nos inícios de noite na praça recém-inaugurada, após a caminhada na Avenida Beira-Rio (ISABEL, 2015).

A citação expõe uma percepção positiva a respeito da Praça Mary de Pinho e o hábito de Maria Isabel que, assim como muitos cidadãos de Imperatriz, se deslocam de seus bairros para utilizar a nova praça durante os finais de tarde e noites. A comparação com a Praça da Cultura é feita também como forma de crítica às denúncias de uso de drogas que são recorrentes nessa última. É importante dizer, também, que com a concentração dos públicos de crianças, jovens e adultos das áreas traçadas de rosa e roxa, ocorreu a atração de vendedores na parte demarcada no croqui (ilustração 1) com traços amarelos. Trata-se de comerciantes que iniciam os trabalhos de montagem de pequenas estruturas de venda de produtos como: pipoca, algodão doce, água de coco, salada de frutas e outros (Figura 9).



Figura 9 – Vendedores, senhores e sociabilidades  
 Fonte: PEREIRA, 2016.



Figura 10 – Fiscalização  
 Fonte: Imirante, 2015.

Verificando em reportagens da imprensa local<sup>8</sup> notou-se que no final de julho de 2015 ocorreu o cadastramento de 14 vendedores ambulantes que passaram a ter autorização para trabalhar no local. Enfim, tal situação, além de ecológica entre os grupos, deixou evidente uma interação entre três agentes ou grupos (usuários da praça, vendedores e poder público) em torno das formas de uso do logradouro público. Essas relações ficam

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.oprogressonet.com/cidade/organizacao-ambulantes-da-praca-mary-de-pinho-sao-cadastrados-pela-prefeitura/59760.html>> e <<http://imirante.com/imperatriz/noticias/2015/07/24/defesa-civil-cadastra-ambulantes-da-praca-mary-de-pinho.shtml>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

claras na declaração do superintendente da Defesa Civil, o senhor Francisco das Chagas, feita na reportagem citada anteriormente. Segundo ele:

Desde a inauguração o local tem atraído maior número de visitantes no início da manhã, final da tarde e à noite. O movimento na praça atraiu também comerciantes do gênero de alimentos, bebidas e brinquedos. Porém, além dos ambulantes, outros comerciantes já tentaram fixar estabelecimentos no local, com bancadas, mesas e até barracas, o que é proibido num logradouro público do porte dessa praça (CHAGAS, 2015).

A citação e a observação local permitem inferir que o espaço analisado é regido por um conjunto de normas escritas, como as da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Defesa Civil, e também aquelas das placas de orientações a respeito dos equipamentos e áreas de lazer. Mas há também casos de costumes que se cristalizam na praça, como, por exemplo, a organização dos agrupamentos de crianças em determinados espaços de acordo com a faixa etária e a ação coletiva das pessoas da praça contra um assaltante que roubou um celular de uma criança em novembro de 2015<sup>9</sup>.

A situação de união e ação coletiva empregada contra o assaltante caracteriza a Praça Mary de Pinho como um ambiente que é marcado por percepções e por aprendizagens que são desenvolvidas no dia a dia das pessoas que lá se fixam pelos mais diferentes motivos. Se a família e a escola, na concepção de educação durkheimiana, possuem um papel de integrar os indivíduos à sociedade, a Praça Mary de Pinho pode ser compreendida como um primeiro local de relações secundárias<sup>10</sup> nas quais as crianças podem ter contato com normas de convivência com o outro e com o ambiente. Considerando as perspectivas de Tuan (1980) e Carlos (2001), entende-se a praça como o lugar onde são desenvolvidas as primeiras interações socioespaciais e memórias que serão fundamentais na construção de uma percepção ambiental. No âmbito da educação ambiental, Jacobi (2003) entende que se trata de uma educação para a cidadania. Segundo esse autor:

Quando nos referimos à educação ambiental, situamo-nos em contexto mais amplo, o da educação para a cidadania, configurando-a como elemento determinante para a consolidação de sujeitos cidadãos. O desafio do fortalecimento da cidadania para a população como um todo, e não para um grupo restrito, concretiza-se pela possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, e de se converter, portanto, em ator co-responsável na defesa da qualidade de vida (JACOBI, 2003, p.197).

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.noticiadafoto.com.br/2015/11/assaltante-rouba-celular-de-crianca-na.html>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

<sup>10</sup> Consideram-se aquelas relações que extrapolam o espaço do parentesco e ambiente familiar, onde desenvolvem-se as relações primárias.

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

Essa percepção reflexiva de educação ambiental considera não apenas o aspecto da conscientização a respeito da conservação do meio, mas também a importância de uma postura crítica e proativa em relação à qualidade de vida. Nessa linha de pensamento, a Praça Mary de Pinho, com suas normas e regras, representa um verdadeiro laboratório para a formação cidadã. Um espaço de formação de práticas socioespaciais que leva em consideração o respeito pelo ambiente e pelo outro. Nesse sentido observou-se que, apesar da proibição, havia crianças fazendo o uso de patins e bicicletas (Figura 9).

Além das áreas traçadas em amarelos, roxo e rosa é possível, também, pensar as concentrações de pessoas de acordo com a disposição espacial dos bancos: para os mais diferentes tipos de atores sociais, das mais diferentes faixas etárias. Na imagem 11, por exemplo, há no primeiro plano senhores idosos dialogando (a esquerda) enquanto jovens mães conversam e trocam informações no banco vizinho(a direita). No segundo plano da figura há crianças brincando no parque infantil e na grama, e caminhantes que mais ao fundo vão ao sentido dos senhores.



Figura 11 – Idosos e adultos  
Fonte: PEREIRA, 2016.

Essa fotografia representa bem os finais de tarde na Praça Mary de Pinho, cujo número de pessoas aumenta conforme chegada da noite, caracterizada até as 18 horas pela forte presença de adolescentes, que provavelmente saem da escola Graça Aranha, localizada na área vizinha à praça. Após a realização desse registro visual, o senhor de bermuda e camisa verde integrou-se com outras pessoas e passou a caminhar na área delimitada na praça, situação que demonstra o papel integrador do contexto observado. Nesse sentido, é importante ressaltar que para o público da terceira idade, a acessibilidade e a possibilidade de integração social podem ser compreendidas como os principais aspectos relacionados à praça. Já a área roxa não possui equipamentos de ginástica, nem área de lazer

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

para as crianças, caracterizando uma parte mais tranquila e calma da praça, mais frequentemente ocupada por jovens e adolescentes que buscam dialogar e namorar.

## **CONCLUSÃO**

Após a pesquisa de campo e a análise das informações coletadas, notou-se que a Praça Mary de Pinho pode ser compreendida como um espaço de integração que faz a ligação entre determinadas percepções da cidade e as experiências cotidianas das pessoas que lá frequentam, ou seja, caracteriza-se como um importante laboratório de pesquisa sobre a questão ambiental e sua relação com cidadania e práticas socioespaciais.

As características históricas e estruturais deste local possibilitam certa notabilidade da praça em relação a outros espaços de lazer, resultando na atração de um conjunto de atores, principalmente crianças e jovens, que buscam um ponto de socialização com outros grupos ou a realização de atividades físicas. Tal contexto é organizado tanto por um conjunto de normas escritas e endossadas por órgãos públicos, quanto por costumes que seguem outras lógicas nos processos de formação de grupos e de regras de convivência.

Sendo considerado um espaço onde muitas crianças iniciam suas relações secundárias e constroem suas primeiras experiências e percepções no espaço público, a compreensão desses aspectos em relação às normas (escritas ou não) constitui um elemento fundamental para o desenvolvimento de uma perspectiva cidadã de educação ambiental. Nesse sentido, pode-se dizer que existe um sistema de educação não formal no qual o aprendizado é realizado pela forma visual, em outras palavras, por meio da observação de exemplos realizados pelos adultos. Grosso modo, a Praça Mary de Pinho sempre é valorizada e utilizada como contraponto para a crítica da falta de estrutura de outras áreas públicas de lazer, no entanto é possível notar também que a mesma é cenário de desrespeito por parte dos atores sociais da cidade: seja com crianças que correm de patins e bicicletas, de pais que não fiscalizam isso ou comerciantes que vendem sem licença da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Defesa Civil.

Quando se considera as experiências dos atores sociais em outros espaços da cidade fica claro o sentido de segurança e conforto que atribuem à Praça Mary de Pinho. Por outro lado, as experiências ali experimentadas por esses atores também apontam para processos de percepção ambiental ligados às relações específicas com o referido espaço público, bem como por meio dos arrolamentos interpessoais. Esse conjunto de relações

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

possibilita, assim, propor ricas reflexões sobre a importância da educação ambiental para a construção de uma prática cidadã.

Enfim, longe de esgotar as possibilidades de análises sobre a Praça Mary de Pinho, buscou-se trazer alguns apontamentos sobre a inclusão das percepções ambientais, educação não formal em relação às práticas socioespaciais dos atores observados, em especial os usos que fazem daquele espaço público. Aspectos esses que possibilitam refletir sobre a importância dos locais de lazer para a construção de concepções cidadãs e de uma educação ambiental crítica.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. A. V. **Percepção Ambiental para Entendimento da Afetividade da População de Imperatriz-MA com o bairro Beira Rio**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Ambiental de Áreas Protegidas) – Centro de Estudos Superiores de Imperatriz, Universidade Estadual do Maranhão, Imperatriz, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH/USP, 2007. 85p.

CARNEIRO, Leonardo de Oliveira; ITABORAHY, Nathan Zanzoni; GABRIEL, Rafaela Alves. Territorialidades e etnografia: avanços metodológicos da análise geográfica de comunidades tradicionais. **Ateliê Geográfico** (UFG), v. 7, n. 1, p. 81-101, abr. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ateliê/article/download/19824/13917>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

CASTELLS, Manuel. **Cidade, democracia e socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CHAGAS, Francisco. **Organização: ambulantes da Praça Mary de Pinho são cadastrados pela Prefeitura**, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/tndySC>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

\_\_\_\_\_. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**. Porto Alegre: Banco de Imagens e Efeitos Visuais, PPGAS/UFRGS, 2001. 25 p.

**O que se vê e o que se aprende: educação e construção de identidades na Praça Mary de Pinho**  
*Jesus Marmanillo Pereira; Allison Bezerra Oliveira*

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 133-168.

ISABEL, Maria. **População deseja que a Praça da Cultura seja espelho da Praça Mary de Pinho**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/bKQPU8>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

GEORGE, Pierre. O Espaço. In: GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1969. p.29-46.

GRAZIELLY, Even. **Crianças brincam na rua por falta de espaço de lazer nos bairros**. Disponível em: <<https://goo.gl/NCah2N>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. Tradução de Rubens Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

LOW Setha. **On the Plaza: The Politics of Public Space and Culture**. Austin: University of Texas Press, 2003.

McKENZIE, Roderick Duncan. A comunidade Humana abordada ecologicamente. In: PIERSON, Donald (Org.). **Estudos de Ecologia Humana: Leituras de Sociologia e Antropologia Social**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1948.

PEDROSO, Luciano Fernandes. **O espaço cotidiano dos agregados sociais da Praça da Alfândega em Porto Alegre**. 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SANTOS, Milton. O Papel das Rugosidades. In: SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 171-176.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006. (Coleção Milton Santos; 1).

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

Recebido para avaliação em 18/02/2016

Aceito para publicação em 27/05/2016